

1

Dia da Barrela

Jacob Dietmahler não era tão tolo que lhe passasse despercebido o facto de terem chegado a casa do seu amigo em dia de barrela. Não era próprio apresentar-se em qualquer lado, e muito menos numa casa que era a terceira maior de Weissenfels, num dia assim. Em sua casa, era a sua própria mãe quem supervisionava a lavagem três vezes por ano, o que significava que a família possuía mudas de roupa ou de lençóis para apenas quatro meses. Ele próprio tinha ao todo oitenta e nove camisas, nem mais uma. Mas aqui, na casa dos Hardenbergs em Kloster Gasse, e a avaliar pela suja avalanche de lençóis e fronhas, camisas de noite, corpetes e ceroulas que nesse momento desabava das janelas superiores da casa para o pátio, onde criados de ar austero os apanhavam em cestos enormes, dir-se-ia que a barrela era feita só uma vez por ano. Isso não representava necessariamente um sinal de riqueza — na verdade, ele sabia não ser esse o caso dos Hardenbergs — mas era por certo um indício de prestígio social. E também de uma família numerosa. A roupa interior das crianças e dos jovens da família, assim como os tamanhos maiores, volteava no ar azul, como se as próprias crianças tivessem levantado voo.

«Fritz, receio que me tenhas trazido a tua casa num dia bastante inconveniente. Devias ter-me avisado. Vê a minha situação: um desconhecido da casa, mergulhado até aos joelhos em roupa branca da tua honrada família.»

«Como podia adivinhar que iam fazer hoje a barrela?», disse Fritz. «De qualquer modo, és mil vezes bem-vindo, seja em que altura for.»

«O *Freiherr* está a pisar as roupas», disse a governanta, debruçando-se de uma das janelas do primeiro andar.

«Fritz, quantos é que vocês são em casa?», perguntou Dietmahler. «Tanta coisa?» Depois atirou subitamente: «Não existe o conceito de coisa em si!»

Abrindo caminho pelo pátio, Fritz parou, olhou à sua volta e exclamou em resposta, num tom cheio de autoridade: «Cavalheiros! Olhem para o cesto da roupa! Deixem que o vosso pensamento seja o cesto da roupa! Pensaram no cesto da roupa? Agora, cavalheiros, pensem *naquilo* que pensou o cesto da roupa!»

Dentro de casa, os cães começaram a ladrar. Fritz chamou um dos criados e perguntou-lhe, «O meu pai e a minha mãe estão?» Mas nem valia a pena perguntar, a mãe estava sempre em casa. Saíam naquele momento para o pátio um jovem adulto de aspecto imaturo e uma rapariga de cabelos louros. «Olha, eis aqui o meu irmão Erasmus e a minha irmã Sidonie. Com eles em casa, não precisamos de mais ninguém.»

Os dois irmãos correram para os braços de Fritz. «Quantos é que vocês são ao todo?», perguntou de novo Dietmahler. Sidonie estendeu-lhe a mão e sorriu.

Aqui, entre as roupas no chão, sinto-me perturbado pela presença da irmã mais nova de Fritz Hardenberg, pensou Dietmahler. E isso era tudo o que eu queria evitar!

A rapariga disse, «O Karl há-de estar por aí, e o Anton, e o Bernhard, mas claro que temos mais irmãos.» Ao entrar em casa, depararam com a *Freifrau* von Hardenberg, uma mulher de aspecto mais insubstancial do que as próprias sombras. «Mãe», disse Fritz, «Este é o Jacob Dietmahler, que estudou comigo e com o Erasmus em Iena e agora é assistente do Professor de Medicina.»

«Ainda não sou», corrigiu Dietmahler. «Espero vir a ser, um dia...»

«Sabes que fui a Iena visitar os meus amigos», continuou Fritz. «Bom, convidei-o para ficar alguns dias em nossa casa.» A *Freifrau* olhou para ele com o que pareceu uma expressão de terror, um olhar de lebre assustada. «O Dietmahler precisa de uma aguardente para se conseguir aguentar de pé nas próximas horas.»

«Sente-se mal?», perguntou a *Freifrau* num tom receoso. «Vou mandar chamar a governanta.» «Não é preciso», disse Erasmus. «De certeza que tens contigo as chaves da sala de jantar.» «Claro que tenho», respondeu a mãe, numa expressão implorativa. «Sou eu que as tenho», disse Sidonie, «desde o casamento da minha irmã. Eu levo-vos à despensa. Não se preocupem mais com isso.» Tranquilizada, a *Freifrau* deu as boas-vindas ao amigo do filho. «O meu marido não o pode receber neste momento, está em oração.» Aliviada pelo fim daquele suplício, ela não

os acompanhou pelos corredores e salas decrépitas, cheias de bons e velhos móveis de linhas sóbrias. Nas paredes cor de ameixa viam-se retângulos descoloridos, assinalando pontos onde em tempos estariam quadros. Na despensa, Sidonie serviu o conhaque e Erasmus propôs que brindassem a Iena: «*Stosst an! Jena lebe hoch! Hurrah!*»

«Não compreendo a razão desse hurra», disse Sidonie. «Iena é apenas uma cidade onde o Fritz e o Asmus desperdiçaram dinheiro, apanharam piolhos e ouviram disparates da boca de filósofos.» Entregou as chaves da despensa aos irmãos e regressou para junto da mãe, que estava exatamente no mesmo sítio onde a tinham deixado, a observar os preparativos da grande barreira. «Mãe, precisava que me desses algum dinheiro, uns cinco ou seis táleres, digamos, para eu poder fazer uns arranjos no quarto do nosso hóspede.» «Mas que arranjos, querida? O quarto onde ele vai ficar já tem uma cama.» «Sim, mas os criados usam-no para armazenar as velas e juntam-se lá para ler a Bíblia nas horas vagas.» «Mas, querida, porque é que ele há-de querer ir ao quarto durante o dia?» Sidonie sugeriu que ele poderia querer escrever. «Escrever?», repetiu a *Freifrau*, perfeitamente incrédula. «Sim, e para isso vai precisar de uma secretária.» Sidonie insistiu. «E é preciso também uma bacia e um jarro com água, para o caso de ele se querer lavar, e um balde de despejos.» «Mas, Sidonie, porque é que ele não se pode lavar na bomba, como os teus irmãos?» «E falta também uma cadeira no quarto, onde possa deixar as roupas à noite.» «As roupas! Mas ainda está demasiado frio para uma pessoa dormir sem as roupas. Eu já não tiro a roupa para dormir há uns doze anos, mesmo no Verão.» «E no entanto geraste oito filhos!», exclamou Sidonie. «Deus me livre de um casamento como o teu!»

A *Freifrau* não lhe prestou atenção. «E há outra coisa, em que talvez não tenhas pensado — o pai pode levantar a voz.» Isto não perturbava Sidonie. «Este Dietmahler tem de se habituar ao pai, e aos nossos hábitos. Senão, que pegue nas suas coisas e se vá embora.»

«Nesse caso, não poderá habituar-se também ao nosso quarto de hóspedes? O Fritz há-de ter-lhe dito que nós levamos uma vida simples e de acordo com as leis de Deus.»

«Mas as leis de Deus proíbem que se tenha um balde de despejos no quarto?», perguntou Sidonie.

«Que palavras são essas? Tens vergonha da tua casa, Sidonie?»

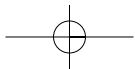
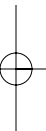
«Tenho.» Ela tinha quinze anos e ardia como uma chama. A impaciência, transmutada em energia espiritual, corria no sangue de todos os jovens Hardenbergs. Fritz queria agora ir passear com o amigo pela margem do rio, para poderem falar de poesia e do destino do ser humano.



«Isso podíamos ter feito em qualquer outro lado», disse Dietmahler. «Mas quero que vejas a minha casa», disse-lhe Fritz. «É antiquada, aqui em Weissenfels somos todos antiquados, mas temos paz, é muito *heimisch*.» Um dos criados que estivera no pátio apareceu à porta, envergando agora um casaco de fazenda escura, e disse que o *Freiherr* gostaria de ver o amigo do filho no seu escritório, antes do jantar.

«O velho inimigo está na sua toca», exclamou Erasmus.

Dietmahler sentia-se algo constrangido. «Será uma honra conhecer o teu pai», disse.



2

O Escritório

Erasmus devia ter saído ao pai, pois quando o *Freiherr* se levantou cortesmente na penumbra do seu escritório, Dietmahler teve a surpresa de deparar com um homem baixo e entroncado, em cuja cabeça se via, à laia de protecção contra as correntes de ar, um gorro de dormir em flanela. E nesse caso a quem teria saído Fritz — uma vez que a sua mãe era minúscula — tão alto e desengonçado como era? Mas o *Freiherr* tinha uma coisa em comum com o seu filho mais velho, que era ser muito fadador, como se os seus pensamentos aproveitassem a menor oportunidade para se converterem em palavras.

«*Freiherr*, vim a sua casa...», começou Dietmahler, nervosamente, mas o *Freiherr* interrompeu-o. «Esta não é a minha casa. É certo que a comprei à viúva de von Pilsach para acomodar a minha família quando fui nomeado Administrador das Minas de Sal da Saxónia, o que me obrigou a vir viver para Weissenfels. Mas a propriedade dos Hardenbergs, o nosso verdadeiro lar, fica em Oberwiederstadt, no condado de Mansfeld.» Dietmahler disse cortesmente que gostaria de ter a sorte de conhecer Oberwiederstadt. «Não veria senão ruínas», disse o *Freiherr*, «e gado malnutrido. Mas são terras ancestrais, e só por isso já vale a pena conhecê-las. Mas deixe-me aproveitar a ocasião para lhe perguntar se é verdade que o meu filho mais velho, o Friedrich, anda envolvido com uma jovem das classes médias.»

«Não ouvi falar de qualquer relação do Friedrich com mulher nenhuma», disse Dietmahler num tom indignado. «Seja como for, duvido que o possamos julgar pelo padrão das pessoas comuns, ele é um filósofo e um poeta.»

«Ganhará a vida como Inspector-Adjunto das Minas de Sal», disse o *Freiherr*, «mas compreendo que não é correcto estar a interrogá-lo. Seja bem-vindo a esta casa, recebo-o como se fosse meu filho. E espero que